



ENTREVISTA COM MAÍRA NASSIF PASSOS

AN INTERVIEW WITH MAÍRA NASSIF PASSOS

Maíra Nassif Passos
Entrevista por: **Rafael**
Guimarães Tavares da Silva*

* gtsilva.rafa@gmail.com
Doutorando no programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (POSLIT) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Cara Maíra Nassif Passos, você possui graduação (2008) e mestrado (2011) em Filosofia pela UFMG, atuando como profissional da área de produção editorial há quase uma década. Sob sua coordenação, a editora Relicário já publicou cerca de 50 títulos e se tornou um espaço importante para a renovação da literatura mineira e brasileira, contando com nomes como Ana Martins Marques, Ana Elisa Ribeiro, Lucas Guimaraens, Laura Erber e Mônica de Aquino. Com um interesse também por publicações acadêmicas e pelo resgate de importantes obras do pensamento, a fim de disponibilizá-las ao público brasileiro, como a segunda edição de *Antiga Musa*, de Jacyntho Lins Brandão, e os livros da Coleção Estéticas, você tem trabalhado assiduamente pela ampliação dos horizontes literários e epistemológicos em português brasileiro. Lutando contra as dificuldades

presentes no caminho de todo profissional da literatura – mas, de modo ainda mais agudo, de quem busca entrar num mercado difícil e competitivo como o editorial –, sua experiência e sua formação certamente possibilitam o enquadramento de uma perspectiva diferenciada para uma reflexão sobre essas questões “em torno a uma crise clássica”.

MUITOS ESPECIALISTAS DOS ESTUDOS LITERÁRIOS TÊM CHAMADO ATENÇÃO PARA UMA “CRISE DA CULTURA” NAS ÚLTIMAS DÉCADAS. LIGADO A ISSO, TEMOS TESTEMUNHADO UMA CRISE PROGRESSIVA QUE SE MANIFESTA TAMBÉM NO MERCADO EDITORIAL – COM A SITUAÇÃO COMPLICADA DE GIGANTES COMO A LIVRARIA CULTURA E A SARAIVA, POR EXEMPLO, ISSO PARA NÃO FALAR DO

FIM LAMENTÁVEL DE UMA EDITORA COMO A COSAC & NAIFY. DA SUA PERSPECTIVA, A CULTURA CONTEMPORÂNEA ESTÁ EM CRISE? QUAL O SEU POSICIONAMENTO PESSOAL COM RELAÇÃO À SITUAÇÃO DA LITERATURA E DO MERCADO EDITORIAL HOJE?

Não penso que estejamos passando por uma crise da cultura contemporânea em seu aspecto produtivo e criativo, mas uma crise de gestão econômica na área, que se arrastou por bastante tempo e que finalmente parece ter se tornado evidente e insustentável. A crise é do mercado e suas práticas autofágicas (e agora também, sob esse novo governo catastrófico, de políticas públicas e fomento, obviamente), mas não acho correto dizer que estamos passando por uma crise da cultura sob o ponto de vista da produção ou da recepção. Digo isso pelo que tenho realmente presenciado na minha área: o *boom* de dezenas de novas editoras de uns 7 anos pra cá, que oxigenou o mercado editorial, introduziu e abriu espaço para novos autores, gêneros, geografias e narrativas; a articulação de diversos encontros literários, feiras de publicações, clubes de leitura e ações voltadas para essa área. Em conversa com outros editores, sempre comentamos a enxurrada de originais que recebemos a cada dia, o que também demonstra que há sim um movimento de criação e aposta na literatura como forma de expressão que passa ao largo das crises do mercado. Voltando ao problema das livrarias, tenho uma

amiga editora que disse que nunca vendeu tanto quanto nos últimos 6 meses antes de a Cultura entrar em recuperação judicial. Ou seja: o problema parece que não está em nenhuma das pontas – editoras/difusoras e leitores/receptores –, mas na mediação comercial e no modelo que trabalham. No caso das grandes redes, eles estão colhendo as consequências de terem abandonado uma perspectiva mais curatorial, de motivação cultural, e se rendido a um modelo genérico, sem identidade, tratando livros como mochilas e produtos de papelaria. Não é à toa que livrarias com uma trajetória mais consolidada e que cultivam uma identidade cultural, como a Travessa, no Rio de Janeiro, estejam crescendo nesse período de crise das grandes redes. Mas só para complementar, também não quero dizer que estejamos livres de qualquer crise, muito pelo contrário. Na medida em que um governo empreende uma agenda de desmonte da cultura e da educação, e prega abertamente o anti-intelectualismo e o obscurantismo, temos um grande perigo pela frente. Certamente foi a democratização da educação, juntamente com o fomento de políticas públicas de incentivo à leitura e à literatura de governos anteriores o que nos levou ao cenário efervescente que mencionei. Mas tudo pode realmente cair por terra se não houver incentivo, acesso, exemplo e o cultivo das sensibilidades, da curiosidade e do pensamento – o que já sabemos que não

faz parte do espírito do governo atual. Atualização importante: depois que escrevi minha resposta acima, recebi hoje a notícia de que houve corte total de programas importantes como o “Literatura para todos” pelo governo, alteração da Política Nacional do Livro e a retirada de verbas de Feiras Literárias. Então sim: a cultura e a literatura estão em crise na medida em que não há valorização alguma por parte dos poderes estabelecidos.

SENDO FUNDADORA DA EDITORA RELICÁRIO – UMA EMPREITADA QUE COMEÇOU HÁ MENOS DE DEZ ANOS, MAS QUE JÁ ESTÁ GERANDO MUITOS FRUTOS PARA A LITERATURA E A CULTURA NO BRASIL DE MODO GERAL –, COMO VOCÊ ENTENDE QUE A TRADIÇÃO LITERÁRIA PODE APROVEITAR ESSE MOMENTO CRÍTICO PARA SE RENOVAR E RESPONDER A ALGUNS DOS DESAFIOS SURTIDOS NA CONTEMPORANEIDADE? VOCÊ ACREDITA QUE HAJA NOVAS OPORTUNIDADES DE RENOVAÇÃO NO INTERIOR DESSE QUADRO MAIS AMPLO? QUAIS?

Tenho observado uma coisa interessante nos últimos tempos: a literatura e as produções culturais de um modo geral não têm se permitido ficar para trás no debate contemporâneo, fingindo que certas questões não lhes dizem respeito. Ou melhor: as pessoas – leitores, autores, curadores, público – não têm permitido que a literatura se esquite

de certos problemas, e têm reconhecido que ela é também um fenômeno político, social e histórico, além de apenas estético e formal. Ou melhor (de novo): o fato de a literatura e outras produções culturais deterem a primazia da forma, dá a elas um poder gigantesco que pode e que deve ser usado para a evidência das contradições e problemas nesse período crítico. Tem havido uma expectativa (justa, na minha opinião) de que a arte retome esse poder de transmissão que lhe é próprio (embora não seja o único) e que procure abrir brechas em nosso momento histórico de apuros. Penso que um período crítico pode ser sim uma oportunidade de radicalização e renovação de propostas. Um novo modo de dizer, ou novos atores dizendo, passa a ser uma urgência, e não apenas uma opção. Alguns fenômenos já são respostas a essa urgência, como os SLAMS e saraus nas periferias, com total protagonismo da juventude negra; os clubes de leitura como o “Leia Mulheres”, que se propõe visibilizar as produções literárias de mulheres (das clássicas às contemporâneas); a busca por escritoras/es que ocupam lugares não hegemônicos, de línguas e países periféricos (na Relicário, por exemplo, criamos a “Coleção Nos.Otras”, que se propõe a publicar textos de não-ficção de escritoras latino-americanas. O primeiro foi *Viver entre línguas*, da argentina Sylvia Molloy, e o próximo será *Tornar-se Palestina*, da chilena Lina Meruane). Acho que

todas essas iniciativas são respostas a demandas legítimas pela inclusão de outras vozes no espaço público literário, e que contribuem sim com sua renovação.

O MUNDO ESTÁ CADA VEZ MAIS TECNOLÓGICO, COM O DESENVOLVIMENTO DE APARELHOS QUE PERMITEM UMA CONEXÃO VIRTUAL A QUALQUER MOMENTO ENTRE PESSOAS MUITO AFASTADAS, UM COMPARTILHAMENTO QUASE IMEDIATO DE INFORMAÇÕES PESSOAIS, ALÉM DO ACESSO A VARIADAS FONTES DE DADOS E INFORMAÇÕES COM MUITA PRECISÃO E PRATICIDADE. ISSO TEM AFETADO OS HÁBITOS DE LEITURA DAS PESSOAS, COM UM IMPACTO DIRETO NAS EDITORAS, DISTRIBUIDORAS E LIVRARIAS. DIANTE DESSE QUADRO, COMO JUSTIFICAR A EDIÇÃO E A PUBLICAÇÃO DE BONS LIVROS – AINDA IMPRESSOS – RELATIVOS ÀS ÁREAS DE CULTURA, LÍNGUA E LITERATURA?

Essa é uma pergunta difícil de responder. Concordo totalmente que o apelo do digital é muitas vezes desleal, pelo fato de que podemos acessar outros tempos, espaços e pessoas em poucos segundos e apenas com o manusear de uma tela – o que por contraste pode tornar a experiência do livro lenta e monótona. Mas, ao mesmo tempo, procuro não ver esse fenômeno com tanto fatalismo, ou como se fosse um inimigo a ser combatido. O próprio mundo virtual/digital vem sendo apropriado e usado pelo universo literário

com bastante sucesso. Temos uma quantidade enorme de blogs, revistas literárias digitais, páginas em redes sociais dedicadas à literatura, perfis de *Instagram* dedicados a resenhas de livros, os novos *booktubers* etc. Ou seja, o próprio meio digital pode ser colocado a serviço da causa do livro e da literatura, fazendo ampliar o número de pessoas interessadas. As novas editoras, por exemplo, existem graças a essa cultura digital que tem permitido também a auto divulgação, a criação de redes e a conexão com os leitores. Aquilo que só as grandes empresas conseguiam fazer, foi sendo feito também pelas pequenas iniciativas, graças às ferramentas oferecidas pelo meio virtual. Além disso, através da Internet, a notícia dos livros que publicamos chega mais facilmente às pessoas interessadas, assim como os eventos que promovemos e a própria experiência de leitura dos leitores. Há um caráter revolucionário e democratizante na Internet que não dá pra negar. Acredito que ela mais nos ajuda do que atrapalha (mas topo responder essa mesma pergunta daqui uns 15 anos e confrontar com minha resposta atual).

AINDA QUE SUA ATIVIDADE COMO EDITORA NÃO SEJA DE MAIS DO QUE UMA DÉCADA, VOCÊ JÁ É VISTA COMO UMA FIGURA IMPORTANTE DA CENA LITERÁRIA BRASILEIRA, RECONHECIDA PUBLICAMENTE PELO TRABALHO COM LIVROS ENSAÍSTICOS, ACADÊMICOS E

DE LITERATURA QUE SE TORNARAM REFERÊNCIA PARA UMA NOVA GERAÇÃO DE LEITORES. CONTE-NOS UM POUCO DE SEU PERCURSO PESSOAL: COMO E QUANDO SE INTERESSOU PELA LITERATURA E, EM ESPECÍFICO, PELA ÁREA DE EDIÇÃO? HOUVE PESSOAS DETERMINANTES EM SUAS ESCOLHAS? QUAIS? DE QUE FORMA ESSAS ESCOLHAS AJUDARAM A MOLDAR A PESSOA QUE VOCÊ SE TORNOU?

Desde nova meu contato com os livros e com a leitura sempre foi intenso, mas nunca estive nos meus planos me tornar uma editora. Esse foi um desvio inesperado e feliz na minha trajetória, pois com a minha formação em filosofia, a expectativa era mesmo seguir carreira acadêmica e dar aulas. O espaço para essa mudança aconteceu após o limbo da conclusão do mestrado, em que recebi a indicação de um amigo para trabalhar em uma editora que estava procurando pessoas com perfil acadêmico para cuidar da produção editorial. Como eu queria fazer uma pequena pausa até o doutorado, acabei topando essa ideia. Foi uma ocupação totalmente nova e inesperada, mas não demorou muito até eu descobrir que era isso o que eu queria para a minha vida, e fico feliz de ter encontrado não só uma ocupação profissional, mas também existencial, pois não me vejo em outro lugar e fazendo outra coisa. Depois de dois anos como produtora editorial nessa editora, tive a ideia de fundar a Relicário, para publicar livros relacionado à minha formação e desejos de leitura (não apenas os meus,

mas também dos tradutores, colaboradores e de uma certa comunidade imaginária). Não houve uma pessoa específica e determinante nessa minha escolha, mas vejo algo em comum entre as pessoas que trabalham editando/produzindo livros, e que é certamente inspirador e estimulante: a paixão com que todos trabalham, apesar das dificuldades e da luta que é trabalhar com cultura no Brasil. Parece um vício e uma obsessão. É como se cada livro publicado inaugurasse o desejo de publicar mais 10. Vejo que quando um livro adentra o espaço público e inaugura nele uma nova discussão (ainda que em um nível micro), a missão se cumpre e faz multiplicar a vontade de fazer mais, pesquisar mais, proporcionar mais encontros. Vejo esse espírito em mim e nos meus colegas editores. Acho que somos um pouco loucos (ou maníacos suaves, como disse Drummond a respeito dos tipógrafos).

QUE CONSELHO(S) VOCÊ DARIA A PESSOAS QUE ASPIRAM HOJE A SE DEDICAR – EM NÍVEL BÁSICO, MÉDIO OU SUPERIOR – ÀS ÁREAS DE CULTURA E LITERATURA? E, PENSANDO ESPECIFICAMENTE EM QUEM QUEIRA TRABALHAR NO TRATO COM OS TEXTOS, O QUE VOCÊ PODERIA SUGERIR COMO UM CAMINHO POSSÍVEL PARA QUEM ESTÁ COMEÇANDO?

Vou direcionar sua pergunta especificamente para quem quer atuar na área de edição, está bem? Um princípio básico é que todo editor deve ser antes de tudo um leitor. É preciso cultivar a sensibilidade e o olhar afiado que só se ganha através da leitura contínua e variada de textos. Apenas lendo e conhecendo as tradições literárias disponíveis é que se torna possível fazer boas escolhas editoriais, e ter um contato produtivo com o texto: saber apontar as faltas, os excessos, a ordenação para um conjunto harmônico e coerente. E é claro, ter um conhecimento pleno da língua portuguesa, para saber identificar os pequenos deslizes cometidos e propor correções. Mais uma vez, isso só se adquire com muita leitura! Sob o ponto de vista das escolhas editoriais, é preciso ter em mente que editar é também uma forma de narrar. Através dos livros e das escolhas que fazemos, vamos também compondo uma narrativa, uma história, que ao longo do tempo vai revelando sua identidade e sua forma – basta ver o catálogo das editoras para identificar essa narrativa (ou a falta dela). Cada livro publicado vai compondo essa trama, e eu particularmente acho necessário formar um todo coerente e coeso. O cuidado com o que publicar faz toda a diferença se você deseja trilhar esse caminho da edição. E como o próprio nome diz, editar significa cortar, escolher e curar. Atirar para todos os lados e publicar tudo o que aparece é para

mim o contrário de editar – essa seria a diferença entre uma editora e uma publicadora. É preciso não ter medo de falar não, é preciso delimitar princípios editoriais no que diz respeito à qualidade e maturidade das obras, é preciso ter consciência de que essas escolhas são também políticas e sempre moverão algo no mundo (para o bem ou para o mal). Um livro não é só mais um produto, mas um acontecimento inaugural, uma máquina de produzir mundos, que merece sempre nosso gesto mais atencioso.